

Inocência 





# VISCONDE DE TAUNAY

## Inocência

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de  
Zenir Campos Reis

**ea**  
editora ática

**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editores assistentes** José Muniz Jr. e Malu Rangel  
**assistente editorial** Grazielle Veiga  
**estagiária** Ana Luiza Candido  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Cláudia Cantarin, Flávia Yacubian

**arte**  
**imagem da capa** Stockage 86, 2010, obra de Luzia Simons  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**editor** Vinicius Rossignol Felipe  
**diagramadora** Thatiana Kalaes  
**editoração eletrônica** Luiz Henrique Dominguez  
**pesquisa iconográfica** Josiane Laurentino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T223i  
30.ed.

Taunay, Alfredo d'Escagnolle, Visconde de, 1843-1899  
Inocência / Visconde de Taunay. - 30.ed. - São Paulo : Ática,  
2011.  
208p. - (Bom Livro)

Inclui apêndice e bibliografia  
ISBN 978-85-08-13195-2

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

10-5677.

CDD: 869.93  
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 13193-8 (aluno)  
Código da obra CL 736798  
CAE: 260968

2017  
30ª edição  
5ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061  
atendimento@aticascipione.com.br  
www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

Tradição e traição 7

- I O sertão e o sertanejo 17
- II O viajante 26
- III O doutor 35
- IV A casa do mineiro 40
- V Aviso prévio 45
- VI Inocência 50
- VII O naturalista 56
- VIII Os hóspedes da meia-noite 59
- IX O medicamento 65
- X A carta de recomendação 69
- XI O almoço 77
- XII A apresentação 81
- XIII Desconfianças 85
- XIV Realidade 90
- XV Histórias de Meyer 96
- XVI O empalamado 102
- XVII O morfético 111
- XVIII Idílio 115
- XIX Cálculos e esperanças 122
- XX Novas histórias de Meyer 126
- XXI *Papilio Innocentia* 130
- XXII Meyer parte 133
- XXIII A última entrevista 137
- XXIV A vila de Sant'Ana 144

XXV A viagem	150
XXVI Recepção cordial	154
XXVII Cenas íntimas	157
XXVIII Em casa de Cesário	161
XXIX Resistência de corça	168
XXX Desenlace	174
Epílogo — Reaparece Meyer	179

Vida & obra	181
Resumo biográfico	199
Obras do autor	201
Obra da capa	205

## TRADIÇÃO E TRAIÇÃO

Zenir Campos Reis

Professor doutor aposentado da Universidade de São Paulo (USP)

Publicado em 1872, este romance de Visconde de Taunay (1843-1899) é, talvez, o produto mais equilibrado de nossa última ficção romântica.

O romance é tecido a partir de impressões e lembranças da realidade natural e sociocultural de nosso sertão. Procura, em primeiro lugar, ser uma descrição fiel e objetiva de uma região, na confluência das províncias de Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em segundo lugar, e sobre esse fundo, o romance apresenta e analisa os valores e comportamentos de um grupo social definido: o do sertanejo, pequeno proprietário.

São trinta capítulos e um epílogo, em que poucos personagens se vivem. Esses personagens podem ser agrupados de acordo com a posição que lhes caberá no desenrolar da obra.

Temos, de um lado, a família de Pereira, ou a casa de Pereira, onde encontramos, além dele e da filha, Inocência, o anão Tico, espécie de guardião da moça, o noivo ausente, Manecão Doca, um filho, também ausente, apenas mencionado no relato, e outros dois personagens: Chiquinho — Francisco dos Santos Pereira —, irmão mais velho de Pereira, que atua à distância mediante uma carta, e Antônio Cesário, padrinho de Inocência, compadre de Pereira.

De outro lado, temos Cirino, prático de farmácia, autopromovido a médico ambulante, Meyer, o naturalista alemão, e seu criado, Juca.

O núcleo da história é muito simples: o amor impossível de Cirino e Inocência, comprometida com Manecão Doca.

Essa situação vai produzir o conflito que permitirá apresentar e analisar o sertanejo, o homem rústico. No romance, isso é feito de duas maneiras: pelo contraste entre o modo rural e o urbano de vida, no nível dos personagens e suas ações; e pelos comentários do narrador.

Pereira é o centro de uma família de tipo patriarcal rural, com certas posses. É a personificação, quase típica, dos valores e comportamentos

do homem rústico, pequeno proprietário, em suas relações com o grupo familiar e com outros grupos.

No primeiro capítulo, Taunay descreve abstratamente o que ele chama de “legítimo sertanejo, explorador dos desertos”. É o homem nômade, idealização da liberdade, do contato direto com a natureza, e padrão de comportamento para os elementos do sexo masculino. É, de certo modo, a situação de Pereira, por ele relatada no segundo capítulo e reproduzida pelo filho mais velho, que ele menciona no quinto capítulo: “O meu [filho] mais velho para, Deus sabe onde...”.

Bem diferente é a situação da mulher, e Inocência é exemplar a esse respeito: cercada de suspeição, é segregada, sendo-lhe negado o acesso à educação que não seja a das tarefas domésticas. É acostumada à obediência passiva, primeiro ao pai, depois ao esposo que aquele lhe escolhe. Uma vez contratado o casamento, o noivo começa a ser admitido na intimidade da casa e da família, e vai assumindo os encargos do patriarca, do novo chefe de família: é o caso de Manecão Doca.

Esse núcleo está já constituído antes da intervenção dos elementos estranhos, que são Cirino e Meyer.

Cirino vai ser o primeiro a perturbar o núcleo. É o autointitulado médico. Teve alguma instrução no respeitado colégio do Caraça de Ouro Preto, foi prático de farmácia, possui um *Chernoviz*, isto é, o famoso dicionário de medicina popular do Dr. Pedro Luís Napoleão Chernoviz, e tem o trato com a medicina popular sertaneja. A instrução e a passagem por um centro urbano, importante na época, ligam-no ao mundo urbano.

Por outro lado, tanto pelas suas origens — nasceu na vila de Casa Branca — quanto pela atual profissão, tem vínculos também com o mundo rural. No mínimo, pode-se dizer que ele conhece e respeita os valores desse mundo. Leia-se o que diz Cirino, no final do capítulo V, discordando das opiniões de Pereira em relação à mulher: “Cuide cada qual de si, olhe Deus para todos nós, e ninguém queira arvorar-se em palmatória do mundo”.

O acaso é um componente importante da composição. Por acaso é que Cirino se encontra com Pereira, na estrada “que da vila de Sant’Ana do Parnaíba vai ter aos campos de Camapuã”. O acaso é que lhe vai oferecer a oportunidade de conhecer Inocência: ela está doente, ele é médico. Sem essas circunstâncias, ele não seria admitido nos aposentos da família. Desse conhecimento vai nascer a paixão mútua, impossível de concretizar-se em casamento, pois Inocência está comprometida com Manecão.

O conflito é vivido pelo casal, mas permanece mascarado para os outros personagens na maior parte do romance.

Meyer é o segundo elemento de desequilíbrio, pela única razão de desconhecer o código rústico de valores: é o homem urbano inteiriço, o naturalista alemão.

Recebido na casa de Pereira, na condição de hóspede, segundo o código de hospitalidade em uso na comunidade, muda de status graças à carta de recomendação que, mais uma vez, o acaso fornece: era do irmão mais velho de Pereira, Chiquinho, dirigida ao antigo endereço daquele e tida já como inútil. Um trecho da carta recomenda: “Peço que o agasalhes [a Meyer], não como a um transeunte qualquer, mas como se fosse eu em pessoa, teu irmão mais velho e chefe da nossa família”.

Meyer, ingenuamente, vai criar o desequilíbrio, quando, apresentado a Inocência, elogia a beleza da moça em termos desmedidos para os padrões rústicos.

Os dois caracteres inteiriços — Pereira, o sertanejo, e Meyer, o homem urbano —, confrontados, vão fornecer o contraste mais marcado, vivido por Pereira como contradição. Com efeito, Pereira vai ficar dilacerado entre o dever de obediência ao irmão mais velho e o dever de preservar a honra da família, a seu ver ameaçada por Meyer, o “galanteador”.

A tensão atinge seu máximo com o afastamento de Meyer, a iminência da chegada de Manecão, e o amor crescente de Cirino e Inocência.

Cirino procura a intervenção de Antônio Cesário, padrinho de Inocência, a qual diz dele: “Papai lhe deve favores de dinheiro e faz tudo quanto ele manda...”.

Inocência vai resistir passivamente à ordem do pai, recusando-se a aceitar o noivo, Manecão.

A resistência de Cirino e Inocência se faz, portanto, dentro dos limites e respeitando os valores do mundo familiar rústico. Mas estão em xeque a autoridade paterna e os direitos do noivo: um elemento urbano, progressista, com uma forma nova de encarar o amor e o casamento, ameaça aquela ordem que se pretendia imutável.

Já ficou dito que o narrador introduz, na narrativa, comentários a respeito dos costumes do sertanejo. Pode-se colher exemplo no capítulo V. Comentando as opiniões de Pereira a respeito da educação das filhas, o narrador observa:

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é, em geral, corrente nos sertões e traz como consequência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas sobretudo os

numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho.

A meu ver, essa notação pode ser entendida em dois sentidos. Em primeiro lugar, pode ser integrada nas notas de rodapé do autor. Essas notas são ou esclarecimentos linguísticos a respeito dos termos usados pelos personagens (ex.: “Soboró é grão falhado”, “Fazer-se de, brasileirismo corrente no interior do país”), ou testemunho pessoal do autor sobre passagens do texto que poderiam parecer inverossímeis. Vejam-se, como exemplo, as notas do capítulo XVI, “O empalamado”. Nesse sentido, a notação pode ser entendida como tentativa de apresentar com fidelidade documental a realidade narrada.

Num outro sentido, a notação pode ser entendida como distanciamento em relação àqueles valores e comportamentos. O narrador marca sua condição de homem culto, que traduz para o leitor culto, a quem ele se dirige, o código do sertão, entendido no duplo sentido de código linguístico e código ético.

Estas são, resumidamente, algumas indicações sobre o papel dos personagens, as grandes articulações do enredo e a situação do narrador.



**Inocência**



A  
José Antônio de Azevedo Castro  
Amigo de infância



Azevedo Castro,

Se nos antigos tempos da Grécia, me fora possível erigir custoso templo, dedicava-o à Amizade para no frontispício gravar o teu querido nome.

Daquele vivo sentimento permite-me hoje, amigo, dentro do círculo de fracos e limitados meios, qualquer demonstração.

Não é um valioso monumento que vou inscrever a tua lembrança; simplesmente na primeira página de uma narrativa campestre e despretenhiosa, de um livro singelo e sem futuro.

Aceita-o como um dos mais espontâneos movimentos da minha alma, que nesta declaração sincera julga assentar direitos a completo indulto.

*Alfredo d'Escraignolle Taunay*  
Rio de Janeiro, 8 de julho de 1872.



## O sertão e o sertanejo

Todos vós bem sentis a ação secreta  
Da natureza em seu governo eterno;  
E de ínfimas camadas subterrâneas  
Da vida o indício à superfície emerge.  
Goethe, *Fausto*, 2ª parte.

Então com passo tranquilo metia-me eu  
por algum recanto da floresta, algum  
lugar deserto, onde nada me indicasse a  
mão do homem, me denunciasse a ser-  
vidão e o domínio; asilo em que pudesse  
crer ter primeiro entrado, onde nenhum  
importuno viesse interpor-se entre mim  
e a natureza.

J. -J Rousseau, *O encanto da solidão*.<sup>1</sup>

Corta extensa e quase despovoada zona da parte sul-oriental da vastíssima província de Mato Grosso a estrada que da vila de Sant'Ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã. Desde aquela povoação, assente próximo ao vértice do ângulo em que confinam os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso até ao rio Sucuriú, afluente do majestoso Paraná, isto é, no desenvolvimento de muitas dezenas de léguas, anda-se comodamente, de habitação em habitação, mais ou menos chegadas umas às outras; rareiam, porém, depois as casas, mais e mais, e caminham-se largas horas, dias inteiros sem se ver morada nem gente até ao retiro<sup>2</sup> de João Pereira, guarda avançada daquelas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe com carinho o viajante desses alongados páramos<sup>3</sup>, oferece-lhe momentâneo agasalho e o provê da matalotagem<sup>4</sup>

1 As epígrafes deste capítulo são do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), autor do poema épico *Fausto*, um clássico do romantismo alemão, e do escritor francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo iluminista segundo o qual a desigualdade não existia quando os homens primitivos viviam em harmonia com a natureza. (N.E.)

2 Chama-se em Mato Grosso *retiro* o local em que os criadores de gado reúnem as reses para as contar, marcar e dar-lhes sal. (N.A.)

3 **páramo**: planalto ermo ou inabitado. (N.E.)

4 **matalotagem**: mantimentos, víveres. (N.E.)

precisa para alcançar os campos de Miranda e Pequiri, ou da Vacaria e Nioac, no Baixo Paraguai.

Ali começa o sertão chamado bruto<sup>5</sup>.

Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem-número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contravertente, do correntoso Paraguai.

Essa areia solta, e um tanto grossa, tem cor uniforme que reverbera com intensidade os raios do Sol, quando nela batem de chapa. Em alguns pontos é tão fofa e movediça que os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela.

Frequentes são também os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam, na mata adjacente, trilha mais firme, por ser menos pisada.

Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paisagens em torno.

Ora é a perspectiva dos cerrados<sup>6</sup>, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem, todas, o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regadas pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora sucessões de luxuriantes capões<sup>7</sup> tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos; ora, enfim, charnecas meio apauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

5 Sem moradores. (N.A.)

6 Florestas de arbustos de 3 a 4 pés de altura mais ou menos, mui chegados uns aos outros. (N.A.)

7 Excelente palavra brasileira derivada da língua-geral, *caá-puán* (mato isolado). (N.A.)

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e ressecado pelo ardor do Sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incêndio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, ateia com uma faúlha do seu isqueiro.

Minando à surda na touceira, queda a vívida centelha. Corra daí a instantes qualquer aragem, por débil que seja, e levanta-se a língua de fogo esguia e trêmula, como que a contemplar medrosa e vacilante os espaços imensos que se alongam diante dela. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos, a um tempo, rebentam sôfregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de súbito se dividem, deslizam, lambem vastas superfícies, despedem ao céu rolos de negrejante fumo e voam, roncando pelos matagais de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpor, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente fôlego a larga obra de destruição.

Acalmado aquele ímpeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como sinal da avassaladora passagem o alvacentos lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Através da atmosfera enublada mal pode então coar a luz do Sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e grânulos de carvão que redemoinham, sobem, descem e se emaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro às outras.

Por toda a parte melancolia; de todos os lados tétricas perspectivas.

É cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar às pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida. Não há ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sôfrego de quem espregueira azada ocasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

Àquela instantânea ressurreição nada, nada pode pôr peias<sup>8</sup>.

Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde-gaio, acetinado, cubra todas as tristezas de há pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo que desabotoam às carícias da brisa as delicadas corolas e lhe entregam as primícias dos seus cândidos perfumes.

---

8 peia: obstáculo. (N.E.)

Se falham essas chuvas vivificadoras, então, por muitos e muitos meses, aí ficam aquelas campinas, devastadas pelo fogo, lugubrememente iluminadas por avermelhados clarões sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulências e verdejantes pimpolhos ocultos, como que raladas de dor e mudo desespero por não poderem ostentar as riquezas e galas encerradas no ubertoso<sup>9</sup> seio.

Nessas aflitas paragens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incêndio. Só de vez em quando ecoa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao chegar-se à terra, a fim de agarrar um ou outro réptil chamuscado do fogo que lavrou.

Rompe também o silêncio o grasnido do caracará, que aos pulos procura insetos e cobrinhas ou, junto ao solo, segue o voo dos urubus, cujos negrejantes bandos, guiados pelo fino olfato, buscam a carniça putrefata.

É o caracará comensal do urubu. De parceria se atira, quando urgido pela fome, à rês morta e, intrometido como é, a custo de alguma bicada do pouco amável conviva, belisca do seu lado no imundo repasto.

Se passa o caracará à vista do gavião, precipita-se este sobre ele com voo firme, dá-lhe com a ponta da asa, atordoa-o, atormenta-o só pelo gosto de lhe mostrar a incontestada superioridade.

Nada, com efeito, o mete em brios.

Pelo contrário, mal levou dois ou três encontrões do miúdo, mas audaz adversário, baixa prudente à terra e põe-se aí desajeitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das asas levanta pó e cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

Afinal, de cansado, deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpezinha, que em custoso rasto procurava algum buraco onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.



Tais são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto demanda então o sertanejo os capões que lá de bem longe se avistam nas encostas das colinas e baixuras, ao redor de alguma nascente orlada de pindaíbas e buritis?!

---

9 ubertoso: fecundo. (N.E.)

Com que alegria não saúda os formosos coqueirais, núncios da linfa que lhe há de estancar a sede e banhar o afogueado rosto?!

Enfileiram-se às vezes as palmeiras com singular regularidade na altura e conformação; mas não raro amontoam-se em compactos maciços, dos quais se segregam algumas mais e mais, a acompanhar com as raízes qualquer tênue fio d'água, que coleia falto de forças e quase a sumir-se na ávida areia.

Desde longe dão na vista esses capões.

É a princípio um ponto negro, depois uma cúpula de verdura, afinal, mais de perto, uma ilha de luxuriante rama, oásis para os membros lassos do viajante exausto de fadiga, para os seus olhos encandeados e sua garganta abrasada.

Então, com sofreguidão natural, acolhe-se ele ao sombreado retiro, onde prestes desarreia a cavalgadura, à qual dá liberdade para ir pastar, entregando-se sem demora ao sono reparador que lhe trará novo alento para prosseguir na cansativa jornada.

Ao homem do sertão afiguram-se tais momentos incomparáveis, acima de tudo quanto possa idear a imaginação no mais vasto círculo de ambições.

Satisfeita a sede que lhe secura as fauces<sup>10</sup>, e comidas umas colheres de farinha de mandioca ou de milho, adoçada com rapadura, estira-se a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o firmamento azul, as nuvens que se espacejam nos ares, a folhagem lustrosa e os troncos brancos das pindaíbas, a copa dos ipês e as palmas dos buritis a ciciar a modo de harpas eólias, músicas sem conta com o perpassar da brisa.

Como são belas aquelas palmeiras!

O estípite<sup>11</sup> liso, pardacento, sem manchas mais que pontuadas estrias, sustenta denso feixe de pecíolos longos e canulados, em que assentam flabelas abertas como um leque, cujas pontas se acurvam flexíveis e tremulantes.

Na base e em torno da coma, pendem, amparados por largas espatas, densos cachos de cocos tão duros, que a casca luzidia, revestida de escamas romboidais e de um amarelo alaranjado, desafia por algum tempo o férreo bico das araras.

Também, com que vigor trabalham as barulhentas aves antes de conseguir a apetecida e saborosa amêndoa! Em grupos juntam-se elas, umas

---

10 as fauces: a goela. (N.E.)

11 estípite: caule. (N.E.)